

# Déficit deve ser zerado, diz Velloso

**São Paulo** — O ex-ministro do Planejamento, João Paulo dos Reis Velloso afirmou ontem, em debate sobre o Plano Econômico do Governo, promovido pela Associação Brasileira dos Analistas do Mercado de Capitais (Abamec), que é preciso zerar o déficit público ainda este ano, sob risco de o conjunto de medidas fracassar por completo. Ao seu lado, o ecomonista Rubens Almonacid, sócio numa empresa de consultoria do ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, não poupou críticas ao pacote, para ele "um verdadeiro trauma que se abateu sobre a sociedade".

Embora acredite na aprovação do Plano pelo Congresso, Reis Velloso, ministro do Governo Ernesto Geisel (1974-1979), afirmou que o Plano "foi feito às pressas", e ameaça a credibilidade dos ativos financeiros, salientando que já é visível a corrida para o dólar. No seu entender, recuperar a confiabilidade nas aplicações do mercado cabe ao Governo, através da erradicação do déficit. Segundo ele, o Governo gasta, em média, 9% do PIB.

Reis Velloso reconhece que o plano tem capacidade para reduzir a inflação e mantê-la em patamares baixos, mas desconfia ao mesmo tempo da determinação do presidente Fernando Collor de Mello em acabar de vez com alta dos preços. O ex-ministro destacou ainda que as medidas não contém mecanismos que preservem os investimentos privados que estavam programados, ou mesmo em andamento, quando o Plano foi instituído.

## Intervenção

O que ele mais quer, entretanto, é a volta do funcionamento normal do mercado financeiro que na sua opinião não deveria sofrer a intervenção que sofreu. Velloso duvida da eficiência da autoridade monetária que, conforme diz, transformou-se no próprio mercado. Ele acha que o Governo pode complementar os leilões de cruzeiros com linhas de crédito às pequenas e médias empresas.

Bem mais crítico que o ex-ministro, o economista Rubens Almonacid contestou até o aspecto ético do governo, "que prometeu uma coisa na campanha e fez o contrário depois da posse". Para Almonacid, o conjunto de medidas copia o plano realizado pelo presidente Carlos Menem na Argentina, e lembra o Plano Cruzado, "inclusivo pela possibilidade de um desabastecimento em alguns setores".